

https://m.focus.de/gesundheits/news/sonderweg-in-der-pandemie-herdenimmunitaet-in-schweden-erreicht-virologe-ordnet-daenen-these-zu-corona-ein_id_12468787.html

Um percurso diferente na pandemia

A Suécia alcançou a imunidade de grupo? Virologista explica a tese dinamarquesa sobre o coronavírus

24.09.2020 | 17:56



gettyimages/ tobiasjo

A Suécia fez um percurso diferente na crise do coronavírus.

Editora da *FOCUS Online* [Paula Schneider](#)

Enquanto, no final das férias de Verão, a Dinamarca estava a viver uma segunda vaga, na Suécia havia diariamente menos de 500 novas infecções. Os dinamarqueses atribuem o êxito dos seus vizinhos à imunidade de grupo. A *FOCUS Online* conversou sobre esta tese com um virologista.

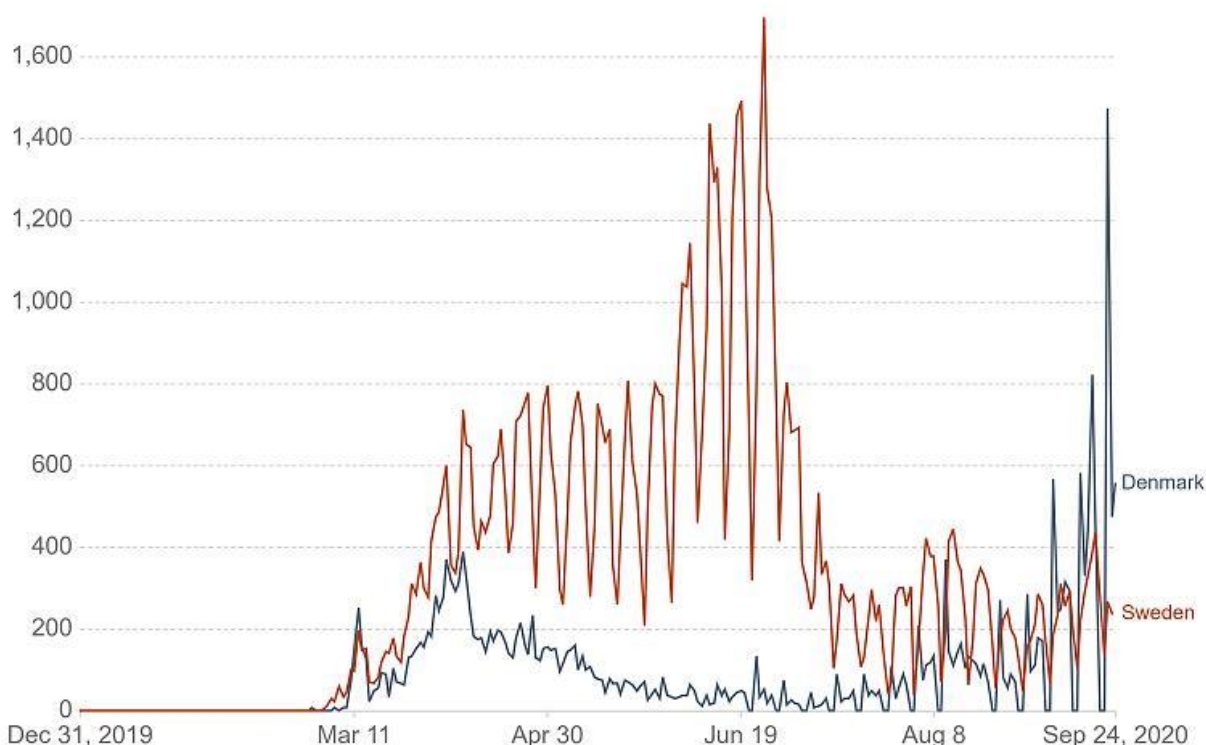
Sem confinamento. As escolas praticamente não fecharam. Restaurantes e bares cheios. A Suécia fez um percurso diferente na [crise do coronavírus](#) – e, num primeiro momento, parecia estar a fracassar. No início da pandemia, morreram muitas pessoas, até hoje o país regista 5870 mortos. A estratégia do epidemiologista-chefe do país Anders Tegnell foi alvo de duras críticas.

Actualmente, a situação na Escandinávia é outra. Enquanto as camas da «ala da pandemia» criada do Hospital Universitário Karolinska, em [Estocolmo](#), permanecem vazias, a vizinha Dinamarca teve de decretar novas medidas.

Depois do levantamento das restrições no Verão, nas últimas duas semanas, [na Dinamarca](#), 58,1 pessoas por 100 000 habitantes foram contagiadas com o Sars-CoV-2, ao passo que [na Suécia](#) foram apenas 29,4.

Daily new confirmed COVID-19 cases

The number of confirmed cases is lower than the number of actual cases; the main reason for that is limited testing.



Source: European CDC – Situation Update Worldwide – Last updated 24 September, 10:05 (London time)

CC BY

Na Suécia, desde Julho, ficaram diariamente infectadas mais de 500 pessoas — a Dinamarca está agora na segunda vaga.

Os dinamarqueses atribuem agora o avanço da Suécia à imunidade dos muitos infectados. «Há indícios de que a Suécia terá alcançado uma componente de imunidade contra a doença. Juntamente com as restantes medidas tomadas para impedir a disseminação, isso mantém a doença num nível baixo», diz Kim Sneppen, Professor de Biocomplexidade no Instituto Niels Bohr, o qual gerou modelos de superdisseminadores para o jornal de [Copenhaga Politiken](#). Na Dinamarca, pelo contrário, apenas um a três por cento da população estarão imunizados.

Virologistas: «Ainda não há imunidade de grupo na Suécia»

«O vírus tem naturalmente mais dificuldade em se disseminar eficientemente e em grandes áreas se no grupo algumas pessoas já tiverem sido infectadas», confirma também o virologista Ulf Dittmer, do Hospital Universitário de Essen, à *FOCUS Online*. «Mas se observarmos os números de infecções em todo o país, não pode ainda haver imunidade de grupo em toda a Suécia».

Ao invés, é preciso observar a evolução das infecções e, logo, também a imunidade a nível regional. «A Suécia é um país esparsamente povoado, nas zonas rurais existem grandes distâncias entre as pessoas». Os focos foram, pelo contrário, nas cidades. «Se retirarmos a população rural, poderá haver uma elevada proporção de pessoas que já estiveram infectadas».

Deste modo, em metrópoles como Estocolmo poderá acontecer que já 30 a 40 por cento das pessoas tenham sido infectadas — «mas não podemos ainda falar de imunidade de grupo».

A imunidade de grupo significa que o vírus deixa de poder propagar-se. «Isso acontece quando cerca de 60 a 70 por cento da população tiver sido contagiada e estiver imune», explica Dittmer. «Nesse caso, os casos de infecção diminuem sem que seja preciso tomar medidas nesse sentido — já que o valor R estará

sempre abaixo de 1». Mas isso não está ainda a acontecer na Suécia. «Estamos aqui a falar ainda de uma baixa disseminação», sublinha Dittmer.

Matemático define o limiar da imunidade de grupo em 43 por cento

Em Agosto, Tom Britton, matemático da Universidade de Estocolmo, publicou um estudo que coloca o limiar da plena imunidade de grupo substancialmente mais abaixo do que a hipótese anterior de 60 a 70 por cento.

Ao invés, Britton parte de cerca de 43 por cento da população, sendo que já 20 por cento faria uma grande diferença, disse ele ao *Politiken*. No início da epidemia, foram infectadas as pessoas socialmente mais activas.

«Quanto mais pessoas forem infectadas, mais dificuldade o vírus tem em se disseminar», reconhece Dittmer. «Para abrandar a propagação, já ajuda se num grupo de pessoas uma em cada três tiver sido infectada. Deste ponto de vista, é uma ajuda toda e qualquer pessoa que não se torne num disseminador». Mas não se pode neste caso ainda falar de imunidade de grupo — «mesmo nas cidades grandes», sublinha Dittmer.

Mesmo aí haverá muitas pessoas que foram infectadas, em particular jovens, mas não dos grupos de risco. «Na Suécia, as pessoas que têm e tinham muito medo e que ficaram em casa, que se afastaram dos outros, ainda não foram infectadas, não estão imunes».

A Suécia não tem vectores da infecção

Se tanto, na Suécia poderá encontrar-se uma efectiva imunidade de grupo entre os grupos de jovens socialmente mais activos.

«As pessoas que estão agora a ser infectadas noutros países, que estão a provocar o aumento das infecções, são os jovens. Fazem festas, encontram-se em grandes grupos. São as pessoas que nunca sofreram limitações na Suécia. No início da pandemia, na Primavera, já tiveram oportunidade de se contagiar. Aqui talvez exista efectivamente uma espécie de imunidade de grupo. A proporção dos indivíduos deste grupo que já têm anticorpos é presumivelmente muito elevada».

Isso explicaria também o alegado avanço ou o êxito que a Suécia está a demonstrar face a muitos outros países. «Neste momento, a Suécia não tem os vectores de infecção que estão neste momento a causar o forte aumento das infecções nos outros países», explica o virologista.

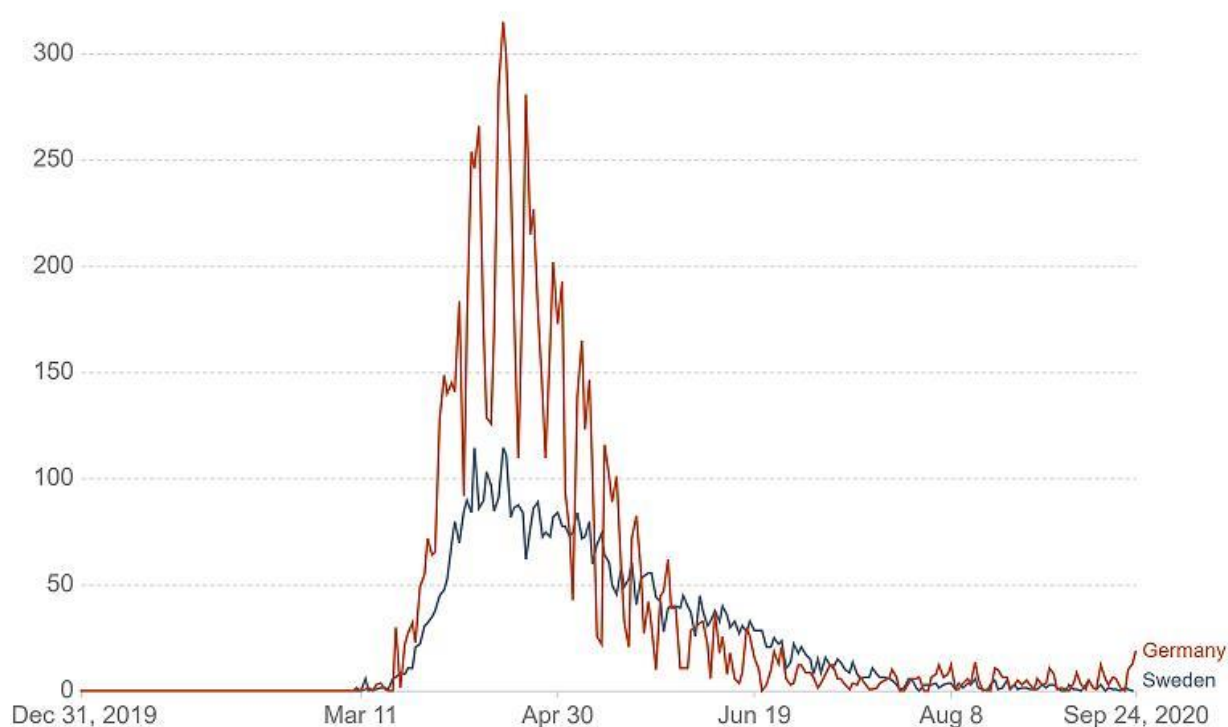
A taxa de mortalidade na Suécia é cinco vezes superior à da Alemanha

No auge da pandemia, em Abril, a Suécia tinha cerca de 550 pessoas com **Covid-19** nos cuidados intensivos, enquanto neste momento são apenas 17. Desde o início de Julho, a Suécia comunica menos de 500 novos casos diários — no auge eram cerca de 1700. Um sinal de que o percurso diferente compensou?

«Contudo, para alcançar este “êxito”, o país vitimou vários milhares dos seus cidadãos», critica Dettmer. «A taxa de mortalidade nos primeiros meses da pandemia foi cerca de cinco vezes superior à da Alemanha. Foi preciso estas pessoas morrerem para que a Suécia alcançasse este resultado e para que agora registe comparativamente menos infecções. Sob este ponto de vista, considerar que tudo foi feito correctamente seria muito cínico».

Daily new confirmed COVID-19 deaths

Limited testing and challenges in the attribution of the cause of death means that the number of confirmed deaths may not be an accurate count of the true number of deaths from COVID-19.



Source: European CDC – Situation Update Worldwide – Last updated 24 September, 10:05 (London time)

CC BY

A taxa de mortalidade da Suécia nos primeiros meses da pandemia foi cerca de cinco vezes superior à da Alemanha.

Na altura, os suecos anunciaram que prescindiriam do confinamento, mas que, em contrapartida, protegeriam as pessoas dos grupos de risco — «e isso não conseguiram fazer».

«A forma como tudo isto funciona foi algo que a maioria dos países aprendeu apenas durante a Primavera. Na Alemanha temos entretanto taxas de infecção mais elevadas nos jovens do que nos mais velhos, conseguimos proteger bastante bem os lares de idosos. Estamos a conseguir — mas, em Março e Abril, a Suécia não o conseguiu».

«A imunidade contra o Sars-CoV-2 funciona muito bem»

Nas últimas semanas têm surgido constantemente casos de pessoas que foram infectadas uma segunda vez com o Sars-CoV-2. Questionamo-nos assim até que ponto uma infecção curada contribui sequer para a imunidade de grupo.

«Há no mundo cerca de 32 milhões de pessoas infectadas. Destas, até agora, conhecem-se apenas casos isolados de segunda infecção. Mas, para mim, isso não é motivo para dizer que não ficamos imunes depois da infecção — bem pelo contrário», sublinha Dittmer. «Esta proporção de re-infectados é tão reduzida que isso nos indica que a imunidade contra o Sars-CoV-2 funciona muito bem».

Acresce ainda que, nestes casos, foi determinada uma segunda infecção, mas não a reincidência da doença. «Também isto é imunidade», explica o virologista. «Quando uma pessoa já não fica doente quando é infectada pela segunda vez. O sistema imunitário não consegue nesse caso impedir totalmente a infecção — mas garante que controla o vírus de modo que não se desencadeie a doença».

Algumas vacinas também funcionam de acordo com este princípio. Por exemplo, a varicela. «Na maioria das pessoas a vacina da varicela não impede a infecção, mas sim uma manifestação grave da doença».

Os casos isolados de segundas infecções não constituem por isso para já motivo de alarme e não nos conduzem de modo algum à conclusão de que uma possível vacina contra o Sars-CoV-2 não possa ser duradouramente eficaz contra uma infecção.

Pura Communications – Tradutora: Ana Pinto Mendes